



Documentário Grafite.mp4: reflexões sobre a interface comunicação educação

Grafitti.mp4 documentary:
reflections on the education
communication interface

Teodoro Montenegro

Graduando em Comunicação Social - Rádio e TV pela UFMA. teo_monte@hotmail.com



Rosinete Ferreira

Doutora em Psicologia Social pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Professora do Departamento de Comunicação Social e integrante do Programa de Pós Graduação em Psicologia Social UFMA. Coordenadora do Núcleo de Estudos em Estratégias na Comunicação (NEEC) e da linha de Pesquisa em Estratégias Audiovisuais na Convergência (G-PEAC). rosinete.ferreira@ufma.br



Resumo

A partir das disciplinas Educação e Tecnologia e Narrativa Ficcional e Documentário do Curso de Rádio e Televisão da UFMA, foi elaborado um produto audiovisual que relaciona arte urbana, comunicação e educação. O “documentário grafite.mp4” apresenta o processo de ensino baseado nas experiências de vida advindas dos educadores e educandos através do ato comunicativo, onde a arte urbana funciona como meio de repensar esses processos dentro do espaço escolar. Logo, este presente trabalho busca analisar teoricamente tais atos evidenciados na produção do documentário, traçando caminhos conceituais para compreendê-los, através do tripé teórico comunicação, experiência e educação.

Palavras-chave: Comunicação; educação; experiência; documentário.

Abstract

From the subjects Education and Technology and Fictional Narrative and Documentary of the Radio and Television Course at UFMA, an audiovisual product was made to relate urban art, communication and education. The “grafite.mp4 documentary” presents the teaching process based on life experiences arising from educators and students through the communicative act, where urban art works as ways of rethinking these processes within the school space. Therefore, this present work seeks to theoretically analyse such acts evidenced in the production of the documentary, tracing conceptual paths to understand them, through the theoretical tripod communication, education and experience.

Keywords: Communication; education; experience; documentary.



Introdução

Este trabalho é uma reflexão sobre os temas abordados em uma produção de trabalho acadêmico audiovisual feito em duas disciplinas do curso de Rádio e TV da UFMA em 2019. O “documentário grafite.mp4”¹ foi o projeto prático das disciplinas de Educação e Tecnologia e Narrativa Ficcional e Documentário, onde o objetivo era fazer um documentário sobre atravessamentos entre arte urbana, comunicação e educação, ao mesmo tempo que imprimisse em sua linguagem visual a instabilidade dos conceitos de gêneros narrativos. Influenciados por teóricos como Paulo Freire² e documentários inovadores como “Eu, um negro” de Jean Rouch³, procuramos, com o documentário, caminhos alternativos para obtenção de informação que não estejam associados aos meios massivos de comunicação de maneira técnica, social, política ou econômica. Porém, havia uma necessidade também de explorar a questão da formação do indivíduo, no que se refere a construção de conhecimentos, conceitos e palavras que definem o mundo ao redor, por isso, nos associamos fortemente à Educação.

O documentário reflete uma busca por sentido: procuramos pelas ruas da cidade de São Luís pontos cercados por intervenções artísticas que dão sentido ao ato da passagem e da travessia, traço forte da arte urbana, onde os entrevistados nos dão suas contribuições sobre a arte urbana, comunicação e educação. Cada entrevistado traz em primeiro plano suas próprias experiências de vida como campo prático de atravessamento entre essas áreas do conhecimento e, por essas contribuições, foi então levantada a hipótese de que a comunicação nesses campos é ativada por outras formas de percepção, tornando-a mais espontânea, criativa, e até mesmo, educativa.

¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=U8Hg-8CoWQ4&t=170s>

² FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**, 17^o. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

³ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=O_7SVGIOJDU

A escolha da escola Centro Educa Mais João Francisco Lisboa, CEJOL, localizada no “Canto da Fabril”, no centro de São Luís/MA, como *in loco* da pesquisa para o documentário foi baseada na hipótese de que os muros externos da escola serem grafitados seria uma estratégia intencional da administração pedagógica da escola, algo que poderia influenciar na sua posição educativa internamente. “Logo quando eu assumi a direção da escola, eu fui informado que o muro grafitado sofria muito menos agressão por parte das pichações, já era prática das outras gestões”⁴.

Nossa hipótese teve mais sentido ao conversamos com o professor Francisco José Ferreira Carvalho (Francisco Jansen), que, ao comentar sobre suas disciplinas eletivas, enfatizou que as grafitagens são utilizadas como mediação de uma experiência educativa e comunicativa com os alunos, gerando assim um diálogo acerca de temas escolhidos em conjunto, com a contribuição artística do professor de artes Gleydson Rogério Linhares dos Santos Coutinho (Gegê Grafite). Tal metodologia ampliou as perspectivas de compreensão das disciplinas eletivas no CEJOL, que também é aplicada em outras escolas, devido à experiência do Gegê com o movimento Hip-Hop como ferramenta educativa e política, advinda do pertencimento da arte educação e militância no Quilombo Urbano⁵.

É importante ressaltar que o CEJOL está dentro do modelo de ensino integral, sendo esta modalidade definida por Guarά (2006) da seguinte forma:

Agrega-se à idéia filosófica de homem integral, realçando a necessidade de desenvolvimento integrado de suas faculdades cognitivas, afetivas, corporais e espirituais, resgatando, como tarefa prioritária da educação, a formação do homem, compreendido em sua totalidade” (GUARÁ, 2006, p.16)

⁴ Diretor do CEJOL Fábio Carvalho em entrevista para o Documentário Grafite.MP4. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=U8Hg-8CoWQ4&t=170s>

⁵ Movimento organizado de Hip Hop que surgiu em 1989 no Maranhão



Esse modelo é aplicado pelos professores e pela coordenação pedagógica dentro de um tempo diário maior que no modelo parcial sendo, em vez de um, dois períodos do dia (segunda a sexta 9 horas por dia). Porém, uma escola pode ser de tempo integral e não aplicar os métodos que atendam às necessidades pedagógicas, portanto, não se adaptando ao modelo de ensino integral. Sobre esse modelo de ensino no CEJOL, o professor Francisco aponta que a dedicação aos alunos e à profissão põe em prática no cotidiano a aplicação de uma metodologia dialógica:

No modelo integral, é aplicada a chamada pedagogia da presença, ela tem todo um roteiro, desde quando o professor se apresenta, por isso eu falei do acolhimento, todo dia o professor tem que tá lá antes do aluno chegar. Esse 'bom dia' diferenciado que você dá pro aluno já muda o sorriso do aluno, começa a cativar, tem toda uma metodologia por trás, tudo isso não é a toa, não foi a gente que criou, não foi a gente que criou na escola, já é um roteiro pré-determinado essa pedagogia da presença, tanto faz se é no Maranhão, no Ceará, como em Pernambuco⁶

Portanto, surge daí o ponto fundamental para a construção do tripé teórico comunicação, experiência e educação, que é utilizado para analisar os processos educativos e comunicativos apresentados no documentário: pensar um corpo teórico que compreenda as experiências espontâneas da vida como catalisador de atos comunicativos e educativos capazes de verdadeiramente transformar os sujeitos.

A interface

De acordo com Ismar Soares (2000), devido às transformações sociais advindas da pós-modernidade, como a valorização da subjetividade, após as catástrofes (guerras e crises) causadas pela razão iluminista, a comunicação massiva começou a ser mais relevante que a educação tradicional

⁶ Professor Francisco Jansen em entrevista concedida via Google Meet no dia 16 de abril 2021



no que diz respeito às construções democráticas e ao progresso da sociedade. As causas desse fenômeno têm explicação no fato de que a Educação (como instituição) ainda representava um modelo geométrico, inflexível e lógico (“ultrapassado”), ao passo que a comunicação de massa representava o modelo mais em sintonia com as necessidades sociais, onde impera o pensamento fragmentado e uma cultura aleatória, essencialmente audiovisual (p.15).

Portanto, lidar com essas tensões se torna papel principal da **Educomunicação**, ao passo que, como teoria, não busca sustentação nas filosofias da Educação ou nas práticas da Comunicação, ela busca autonomia dentro da interface entre os dois campos de conhecimento, ou seja, no mundo que se revela no encontro desses dois campos tradicionais (pg.24). Sendo assim, a Educomunicação ressalta a importância de se rever os padrões teóricos e práticos da comunicação, tornando o exercício da expressão prática solidária de aprendizagem, ou seja, uma comunicação apta para a educação. Essa comunicação, por sua vez, torna os sujeitos envolvidos em cidadãos preocupados com o ecossistema comunicativo em que eles estão inseridos, reconhecendo o direito à comunicação como parte da vida cotidiana.

A perspectiva da Educomunicação é importante para esse trabalho, pois ela inicia a necessidade de repensar os modelos comunicativos fora de um circuito centralizado e generalizado, sendo muito denso para lidar com transformações mais sutis e complexas na vida dos sujeitos, principalmente no que se refere a uma formação educativa. Ismar Soares (2014) expõe detalhadamente como a Educomunicação opera nesse sentido, em seu Protocolo Mediático⁷:

No caso, a Educação para a Comunicação, aqui denominada como Educomunicação, preocupa-se fundamentalmente com o fortalecimento da capacidade de expressão de crianças e jovens. Para que a meta seja alcançada, todas as formas de comunicação

⁷ O Protocolo Mediático é uma corrente recém-sistematizada, apesar de haver se estabelecido na América Latina desde os anos 1980. Parte da luta do Movimento Social pela universalização do direito à comunicação, trabalhando para garantir a todos os sujeitos sociais, pela educação, o “acesso à palavra”, tradicionalmente negado aos mais pobres e excluídos. (SOARES, 2014, p.18).



são objeto de análise, desde a interpessoal, a familiar, passando pela escolar, até chegar à midiática massiva. Na escola, o que se propõe é a revisão das disfunções comunicativas oriundas das relações de poder, buscando-se formas democráticas e participativas da gestão escolar, com o envolvimento das novas gerações. O que distingue este protocolo é sua intencionalidade: valoriza a mídia e inclui sua análise e uso como procedimento metodológico, mas vai além dela em seus propósitos e metas. Opera por projetos, valorizando todas as formas de expressão, especialmente a artística, tendo como objetivo a ampliação do potencial comunicativo da comunidade educativa e de cada um de seus membros. No caso, professores e alunos são igualmente aprendizes e igualmente educomunicadores. (SOARES, 2014, p.18).

O documentário grafite.mp4 se encaixa exatamente na perspectiva dessa interface, pois nos processos apresentados pelo documentário os meios de comunicação estão em função do processo educativo e não o contrário, pois a referência são as experiências de alunos e professores. Diante desse recorte conceitual, buscamos nos aparatos teóricos dos campos do tripé aqui apresentado meios de estudar e analisar tais propostas educomunicativas.

Comunicação, experiência e educação

A palavra “comunicação” foi imposta na sociedade moderna, principalmente pelos avanços industriais e comerciais, atribuindo o sentido de “transmissão” de informação de um pólo ao outro, sem considerar sua verdadeira potencialidade, apontada nas teorias de Muniz Sodré (2014), onde encontramos fundamentos para enxergar a comunicação como ato mais descentralizado e democrático. Isso significa que, para o autor, as práticas comunicativas, por serem amplas, ou seja, se estendendo de reflexões intersubjetivas de palavras até intercâmbio de mídias por meios técnicos avançados (celulares, aplicativos e softwares), necessitam de um corpo científico mais forte, partindo da ideia de que a comunicação é reconhecida como atributo humano não porque dominamos um sistema linguístico, mas porque precisamos agir em comum, relacionar, vincular e organizar sentidos.



Logo, de acordo com Muniz Sodré (2014), isso quer dizer que comunicação, de acordo com sua radicalidade - “agir em comum”, “deixar agir o comum” ou “ação comum” - tem a função de relacionar símbolos, ou espaços simbólicos, com as mediações que utilizamos para transmitir as ideias oriundas desses espaços que, tecnicamente, funcionam como o “mundo das ideias” de Platão, ou seja, um vazio gerador, originário, de onde provém o que se é definido pelas palavras/mediações. Portanto, isso quer dizer que comunicar é acessar espaços equivalentes a todo ser humano que compartilha dessas mediações simbólicas dentro de um recorte comum (linguístico, social, cultural etc), sem precisar de nenhum capacitor tecnológico, mas acessado, à priori, pelo pensamento.

Portanto, faz-se necessário encontrar formas de praticar uma comunicação voltada para esse comum, onde os sujeitos envolvidos se encontrem relacionados com o meio que os cerca. Esse meio, porém, só é comum porque outros sujeitos compartilham dele simultaneamente que eu, por isso, acessar os espaços simbólicos significa, principalmente, acessar ao outro. Por isso, encontra-se ainda em teorias de Muniz Sodré (2018) que, na comunicação, para além da informação que se passa, do que se dá a conhecer, é importante reconhecer com quem eu estou falando, ou seja, entender uma outra subjetividade a ser acessada, ao qual as racionalidades linguísticas e lógicas argumentativas não dão conta de perceber.

Contudo, é nesse ponto que Muniz Sodré (2018) resgata a necessidade de repensar o papel científico da comunicação, colocando o afeto como estratégia para alcançar fins comunicativos, ou melhor, acessar o comum. “Quando, entretanto, se age afetivamente, em comunhão, sem medida racional, mas com abertura criativa para o Outro, estratégia é o modo de decisão de uma singularidade” (pg. 10). Portanto, partimos agora de uma perspectiva de comunicação em que os afetos são ponte para acessar o comum entre sujeitos, pois eles estão mais próximos do espaço simbólico. Portanto, Muniz Sodré (2018) afirma:



É particularmente visível a urgência de outra posição interpretativa para o campo da Comunicação, capaz de liberar o agir comunicacional das concepções que limitam ao nível de interação entre forças puramente mecânicas e de abarcar a diversidade da natureza das trocas, em que se fazem presentes os signos representativos ou intelectuais, mas principalmente os poderosos dispositivos do afeto. (SODRÉ, 2018, p. 12)

Nós observamos esse processo acontecer no CEJOL, onde os alunos se identificavam com a experiência escolar por se verem de forma igualitária diante da relação que era estabelecida, ou seja: antes de serem alunos, eram todos diferentes e com suas singularidades, como é demonstrado pela ex-aluna do Centro Educa Mais João Francisco Lisboa (CEJOL), Kamila Mirelle Silva Celestina, de 19 anos, em entrevista remota:

Foi uma coisa muito importante porque eu vivia num mundo muito fechado, e ir pra uma escola em tempo integral e conhecer pessoas diferentes de mim foi muito importante até pro meu crescimento, falo de cultura, de religiões diferentes [...] A sala de humanas era muito comunicativa, tinha sobre violência, LGBT, indígena, tudo, todo tipo de comunicação”⁸

Esse reconhecimento do Outro se dá no processo de tornar o ambiente escolar comum, simbólico, tendo as atividades (extra) disciplinares papel importante para isso, pois os alunos se envolvem na construção das aulas de forma variada, como na decisão de temas à produção de conteúdos práticos (cartazes, seminários, intervenções artísticas, etc). Mas para além disso, os projetos do ensino integral no CEJOL comportam um caráter de formação de sujeito, e é por essa razão que vemos a participação de alunos e professores para construir um espaço comum a todos:

No integral, as turmas disputam, sem ninguém mandar, quem deixa a sala mais limpa no final do dia [...] porque elas passam nove horas do dia naquela sala, então eles se sentem parte da escola. [...] Eles botam nome nas portas da sala: ‘sala do Smurf’,

⁸ Ex-aluna do CEJOL Kamila Mirelle Silva Celestina, que participou das gravações do documentário, mas foi entrevistada em 22 de abril de 2021 de maneira remota.



'caverna do dragão', 'não entre sem permissão'. É como se eles tivessem no quarto deles, ninguém quer um quarto bagunçado⁹.

Portanto, vemos que a comunicação ajuda a legitimar o ambiente em que existimos como comum a outras realidades, onde os afetos funcionam como ferramenta, ou melhor, estratégia para realizar tal ação. Contudo, esse comum organizado através dos afetos toma, em primeiro lugar, uma posição de experiência vivida pelos sujeitos, ou seja, um processo de reconhecimento de sentidos.

A experiência é aquilo que nos acontece. Não o que acontece ou o que se acontece, mas o que nos acontece e nos transforma, nos afeta. Não é experimento, que há controle e expectativa do resultado, a experiência ocorre em pleno devir, no fluxo. A compreensão acerca da experiência nos é muito importante para tangenciar a função comunicativa que buscamos, principalmente no que diz respeito aos princípios da "alteridade" e da "singularidade" propostos por Jorge Larrosa (2011). Sobre o princípio da alteridade, o autor afirma: "se chamo de 'princípio de alteridade' é porque isso que me passa tem que ser outra coisa que eu. Não outro eu, ou outro como eu, mas outra coisa que eu. Quer dizer, algo outro, algo completamente outro, radicalmente outro." (LARROSA, 2011, p.6).

O Outro no conceito do autor não está separado do sujeito da experiência, na verdade, é exatamente a relação com esse Outro que determina a experiência. Esse sentido está presente na etimologia da palavra "experiência", onde Larrosa (2011) afirma que:

A experiência, em primeiro lugar, é um passo, uma passagem, um percurso. Se a palavra experiência tem o ex de exterior, tem também esse per que é um radical indo-europeu para palavras que tem que ver com travessia, com passagem, com caminho, com viagem. A experiência supõe, portanto, uma saída de si para outra coisa (LARROSA, 2011, p.8)

⁹ Professor Francisco Jansen em entrevista remota realizada em 16 de abril de 2021.



Já sobre o princípio da singularidade, Larrosa (2011) afirma que, pela experiência ser sempre do que é singular, do que não acontece repetidamente e, se acontece, é sempre diferente, ou seja, o que é do singular transborda à identificação, logo, “do singular não pode haver ciência, pode sim haver paixão. E mais, a paixão é sempre do singular. Poderíamos dizer, inclusive, que a afeição pelo singular, o afeto pelo singular, se chama precisamente paixão” (LARROSA, 2011, pg.17).

Portanto, podemos apontar que a experiência colabora para uma interpretação mais minuciosa diante o comum que nos cerca, pois a experiência é na verdade uma relação estabelecida com o Outro na qual se está aberto para o singular do acontecimento, sendo assim, único a quem experiencia, sente, afeta, ou seja, elevando ao sentido do que é externo, alheio e diferente, para aquilo que também compõe o interno, as minhas formações subjetivas. Só se sente porque é outro, por isso, os afetos são meios imprescindíveis para acessar esse valor singular que a experiência propõe à vida, ambiente prático de inter-relações entre sujeito e meio.

É aqui que identificamos uma relação com a fala de Muniz Sodré (2018), quando esse aponta a necessidade de ampliar as possibilidades para se estudar comunicação. Vendo por um ponto em que se distancie de limitações racionais e técnicas, não as excluindo, mas optando por perspectivas que consigam abarcar outros sentidos das trocas humanas, principalmente afetivas, nos ajuda a analisar devidamente a singularidade das formas práticas de comunicação presentes no documentário grafite.mp4, pois são elas que, de acordo com as entrevistas e a linguagem visual, se mostram fonte da riqueza comunicacional, artística e educativa.

Portanto, no que se refere aos processos educativos, de formação dos sujeitos, entendemos em Braga e Calazans (2001) que a Educação, enquanto corpo institucional, é uma sistematização de ações de aprendizagem as quais a sociedade julga útil serem passadas através do



ensino, o qual os autores conceituam como “atividade em que a Escola fala pela sociedade e é por esta legitimada” (BRAGA e CALAZANS, 2001, p. 37). Isso, porém, não significa que fora da Escola não existam sistematizações de legitimação social, o foco é apontar que os afetos como estratégia, ou uma comunicação aberta para experiências, também têm seu potencial educativo, como nos lembra Braga e Calazans (2001)

Antes de haver “transmissão de conhecimentos” - e portanto aprendizagem de conhecimento pronto - o homem depende de um outro aprender, decorrente de um intercâmbio com o mundo e com as pessoas em ambiente social, através do qual ‘descobre’ coisas, por meios práticos, por reflexão, por experimentação - e até por acaso. (BRAGA e CALAZANS, 2001, p. 36)

Devido ao exposto, a proposta lançada por essa conceituação não é o de pôr demérito nas instituições tradicionais, mas sim de criticar, ou repensar os modelos os quais obtemos conhecimento, esses que muitas vezes podem se encontrar anulados diante de contextos políticos, sociais e culturais. Logo, o documentário grafite.mp4 traz em sua linguagem um intercâmbio entre aprendizados espontâneos e sistematizados, onde, no CEJOL, é fundamental a escolha de um currículo pautado em escolhas menos convencionais, o qual a arte urbana é pensada como mediadora desses aprendizados.

O Hip Hop, por exemplo, surge de um conhecimento dentro dos campos não subordinados pela instituição, e o vemos ser condutor de aprendizagem dentro do espaço escolar. O próprio Gegê afirma:

Dentro do currículo, dentro dos livros didáticos ele já é apresentado. Agora tem uma outra problemática, geralmente quando é falado... Aí entra a questão da comunicação, principalmente a chamada mídia burguesa... Mas quando se fala em Hip Hop tem aquele estereótipo, o extremo: ou você tá ali na televisão participando do processo da indústria cultural, ou você tá ali somente no protesto, então



descontextualiza, como se fosse somente ali protestando, algo muito imediato. E não é! É muito mais que isso, como o próprio GOG¹⁰ fala: 'o Hip Hop educa'¹¹.

Podemos aqui fazer uma relação com o que foi explicitado anteriormente por Braga e Calazans (2001) no que se refere a Educação ser um reflexo de aprendizagens significadas pela e para a sociedade. É evidente que o Hip Hop é um movimento cultural que surge nas periferias urbanas, e diante a "mídia burguesa", como afirma o professor, é retirado todo o seu aparato socioeducador. Porém, o próprio Gegê nos exemplifica com experiências próprias o impacto que o Hip Hop pode ter associado a educação e a apropriação dos meios de comunicação:

Teve uma escola que nós fizemos um trabalho, que era em São José de Ribamar, e a gente começou em uma série, que uma professora nos convidou, mas teve uma repercussão muito grande na escola. [...] Então decidimos fazer uma aula pública, então eu estava lá no meio de um círculo gigante de alunos na escola, e passei alguns vídeos. Um desses vídeos foi o clipe chamado 'Que droga!' que é uma música que a gente fez depois de ter lançado uma campanha pelo fim do crack na periferia, que depois teve repercussão nacional [...] Só que teve um episódio durante essa aula, que não foi de um estudante, foi de um professor: ele discordou, questionou que a gente tava usando aquele material ali, que as pessoas que estavam participando do clipe estavam usando droga. Aí os próprios estudantes foram explicar, que ali na verdade era uma encenação, não era real, e eu fui explicar que inclusive nesse vídeo tem participação de pessoas que passaram pelo processo da campanha, das oficinas, e que o vídeo na verdade é o resultado do resultado, porque antes desse vídeo teve todo um processo, fizemos várias atividades nesse bairro, nós já fizemos festivais. Acabou que deu certo, mas aí volta a questão do estranhamento, de não ter o conhecimento, a questão do estereótipo¹².

¹⁰ Cantor de Rap de Brasília

¹¹ Entrevista remota com o professor Gleydson Rogério Linhares (Gegê grafite) concedida em 8 de abril de 2021

¹² Entrevista remota com o professor Gleydson Rogério Linhares (Gegê grafite) concedida em 8 de abril de 2021

Logo, podemos concluir que a arte como linguagem desperta uma comunicação que sustenta a complexidade das experiências humanas (seus atravessamentos e consequências), como é exemplificado pela própria vivência que o professor Gegê compartilha conosco, e que os aprendizados não institucionalizados acabam, hora ou outra, sendo necessários para uma comunicação mais humana, acessível e afetiva.

Arte como experiência

Por estar no meio interligando todos os campos do conhecimento aqui apresentados, a arte não se encontra isenta de análise, nem de formas alternativas de compreendê-la, na verdade, ela foi a verdadeira responsável por todo o processo desencadeado neste trabalho. Vemos, portanto, que, ao estar em função da expressão artística, a comunicação está mais próxima do simbólico do sujeito criador, ou seja, daquilo que está em curso, inacabado, indefinido.

Por isso, para compreendermos esses atravessamentos entre arte e comum, vemos em John Dewey (2010) exatamente esse comum como fonte da produção artística, no sentido singular da experiência de viver. O autor afirma que as grandes obras de arte, antes de serem abduzidas por uma louvação irreal, eram parte de uma realidade onde a experiência comum e a experiência estética ocupavam espaço semelhante, e que a filosofia da arte tem o papel de unir essas duas perspectivas. John Dewey (2010) utiliza como exemplo o Partenon para ilustrar essa relação:

O Partenon é, por consenso, uma grande obra de arte. Mas só tem estatura estética na medida em que se torna uma experiência para um ser humano. E se o sujeito quiser ir além do deleite pessoal e entrar na formação de uma teoria sobre a grande república da arte da qual essa construção é membro, terá de se dispor, em algum momento de suas reflexões, a se desviar dele para os cidadãos atenienses apressados, argumentadores e agudamente sensíveis, com seu senso cívico identificado com uma religião cívica de cuja experiência esse templo foi uma expressão, e que o construíram não como obra de arte, mas sim como uma comemoração cívica. (DEWEY, 2010, p.61)



Portanto, Dewey nos convida a olhar à obra de arte pela perspectiva do comum, movimento ideal para compreender os contextos históricos, sociais, políticos e culturais e como esses se entrelaçam. Porém, para alcançar esse objetivo, o autor afirma que uma “filosofia da arte se torna estéril, a menos que nos conscientize da **função da arte em relação a outras modalidades da experiência.**”(DEWEY, 2010, pg.72, grifo nosso).

Esse último ponto é fundamentalmente a perspectiva apresentada pelos entrevistados no documentário grafite.mp4: a arte é feita basicamente para a compreensão de si e do ambiente em volta, uma arte que não se compreende apenas no se fazer, mas no fazer dos sujeitos que a cercam e a interpelam. Por exemplo, a designer Maria Zeferina¹³, cuja proposta de trabalho é explorar poéticas visuais relacionadas ao corpo feminino de maneira trans midiática, e o arte-educador Gegê que, tomando como referência as aulas no CEJOL, fez dialogar temas históricos e contemporâneos através do movimento artístico vivido enquanto militante do Quilombo Urbano, tratando de temas como racismo e protagonismo feminino. Ambos utilizam a arte como ferramenta de questionamento social e político, não estando separados de suas vivências pessoais.

Portanto, vemos aqui a arte como concretizadora desse processo dialógico entre o comum e o sujeito, principalmente no que se refere a fluidez da vida; a experiência política, por exemplo, só é experiência porque faz parte da experiência singular de viver, logo, a arte compreende, antes de qualquer coisa, atribuir experiência estética à experiência de viver. Por isso, John Dewey (2010) afirma:

As origens da arte na experiência humana serão aprendidas por quem vir como a graça tensa do jogador de bola contagia a multidão de espectadores; por quem notar o deleite da dona de casa que cuida de suas plantas e o interesse atento com que seu

¹³ Designer e intervencionista que participou do documentário grafite.mp4 (primeira entrevistada). Site de contato: <https://demodeatelie.com/post/m-a-n-i-f-e-s-t-o>



marido cuida do pedaço de jardim em frente à casa; por quem perceber o prazer do espectador ao remexer a lenha que arde na lareira e ao observar as chamas dardejantes e as brasas que se desfazem. Essas pessoas, se alguém lhes perguntasse a razão de seus atos, sem dúvida forneceriam respostas sensatas. (DEWEY, 2010, p.62)

Logo, concluímos que podemos compreender a vida através da arte, se a observarmos pela perspectiva da experiência. A arte, portanto, se torna um meio comunicativo de experiências, pois a flexibilidade e fluidez da linguagem sustentam a complexibilidade de tais processos, colaborando, assim, para a identificação de outros sujeitos que se encontram em processos similares, ajudando na construção de um comum. O documentário grafite.mp4 faz o registro em vídeo dessa realidade como a evidência de subjetividades vividas, e relembra que são fenômenos fundamentais a serem compartilhados pelos meios de comunicação.

Considerações finais

É evidente que o material coletado para a construção da análise feita no corpo deste trabalho demonstra que a) a comunicação tem o papel de organizar o que nos acontece para fazer emergir um sentido simbólico que se relacione com um comum; b) a experiência é a fonte para a comunicação dialógica, pois abre espaço para compreender o comum como parte constitutiva de mim mesmo; c) a aprendizagem pode estar concentrada em espaços que não ocorre a experiência, ou seja, o atravessamento entre sujeito comum; d) a arte é tida como a realização prática da coincidência entre a experiência estética e a experiência comum, podendo ser utilizada como ferramenta crítica para fins comunicativos e educativos.



Portanto, diante desse levantamento, apontamos possíveis relações entre o tripé que sustentou a produção do documentário: comunicação, experiência e educação. Repensar os meios de obtenção e valorização de conhecimento é um ato que se faz necessário no que diz respeito à construção de um comum que seja sustentável à sociedade, que consiga relacionar de maneira subjetiva os indivíduos, para assim partirmos de um potencial simbólico capaz de direcionar propósitos políticos, sociais, emocionais, culturais, etc. É essa relação que propomos transformar em metodologia para ajudar outras escolas, a partir da continuidade que se pretende dar ao estudo.

Referências

BATISTA, Eraldo Carlos. MATOS, Luís Alberto Lourenço. NASCIMENTO, Alessandra Bertasi. **A entrevista como técnica de investigação na pesquisa qualitativa**. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v.11, n.3, p.23-38, TRI III 2017. ISSN 1980-7031

BRAGA, José Luiz, CALAZANS, Maria Regina Zamith. **Comunicação e educação: questões delicadas na interface** / José Luiz Braga, Maria Regina Zamith Calazans. - São Paulo: Hacker, 2001.

BAUER, Martin W., GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**. 7.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BENJAMIN, Walter. O narrador. In: **Magia e técnica, arte e política** – Obras escolhidas; v. 1. São Paulo: Brasiliense, 1994.

DEWEY, John. **Arte como experiência** (trad. Vera Ribeiro; introd.: Abraham Kaplan) SÃO PAULO: MARTINS, 2010

Documentário grafite.mp4 por Teodoro Montenegro: <https://www.youtube.com/watch?v=U8Hg-8CoWQ4&t=170s>

Entrevista decupada com os alunos:
https://drive.google.com/drive/folders/1B86V5xbbLTk051ILPvunXfJpk_ptPgEX?usp=sharing

Entrevista decupada com o professor Francisco Jansen:
<https://drive.google.com/drive/folders/1ZSxbwCRJtriyubpxHwYeSzsqGVglJh1?usp=sharing>

Entrevista decupada com o professor Gegê:
https://drive.google.com/drive/folders/1iUbHuET5VXp_CZqSMi3Umr6qQ700zucS?usp=sharing

GUARÁ, I. M. F. R. **É imprescindível educar integralmente**. Cadernos CENPEC, v. 2, pág. 17-18. São Paulo, 2006. Disponível em: < <http://cadernos.cenpec.org.br/cadernos/index.php/cadernos/article/view/168> >.



LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** Revista Brasileira de Educação, jan/fev/mar/abr 2002, n.19, p.20-28.

LARROSA, Jorge. **Experiência e Alteridade em Educação.** Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v.19, n2, p.04-27, jul./dez. 2011

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade.** *Ciênc. saúde coletiva* [online]. 2012, vol.17, n.3 [cited2021-02-09], pp.621-626.

Available from: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232012000300007&lng=en&nrm=iso)

81232012000300007&lng=en&nrm=iso>.ISSN 1413-8123. [http://dx.doi.org/10.1590/S1413-](http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232012000300007)

[81232012000300007](http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232012000300007).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**, 17^o. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação e Pesquisa: projetos para mestrado e doutorado?** Lucia Santaella - São Paulo: Hacker Editores, 2001.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação e educação midiática: vertentes históricas de aproximação entre Comunicação e Educação.** v. 19 n. 2 (2014): Educomunicação e Educação Midiática: vertentes históricas

SOARES, Ismar de Oliveira. **Comunicação & Educação**, São Paulo, (19): 12 a 24, set./dez. 2000

SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum : notas para o método comunicacional** / Muniz Sodré. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2014.

SODRÉ, Muniz, 1942- **As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política** / Muniz Sodré. -2. ed. - Rio de Janeiro: Mauad X, 2018.